

“Mestre Grilo Cantava e a Giganta Dormia”

Aquilino Ribeiro



«Era uma abóbora menina, muito redondinha, que saíra de uma flor tão grande e tão linda que de longe parecia pela forma um cálice de ouro, o cálice por onde os senhores bispos costumam dizer missa, e pelo brilho estrela caída do céu.

Atraídas pela cor viva e o perfume, que era brando mas suave, zumbiam-lhe as abelhas em volta e um grilinho viera com a caixa de música às costas acolher-se à sua sombra e ali fizera a lura. Perto, dentro de seus buraquinhos, viviam dois ralos, e uma cigarra passava a maior parte do tempo empoleirada numa das folhas da aboboreira a cantar.

Ora, com os dias, a flor murchara e no seu pedúnculo começou a crescer a abóbora redondinha. Era na entrada do Verão e à força de comer do solo, e beber do regadio, um pouco também entorpecida pelo calor, levava a vida a dormir. Crescia e dormia,

dormia e crescia. Passavam por cima dela as nuvens ligeiras como caravelas e não as via; cantavam as rolas e o cuco, deixá-los cantar; batiam os manguais nas eiras, chiavam os carros da lavoura e a tudo permanecia indiferente. Cresceu, cresceu, e já espigadota, certa noite, mais quente, estranho ruído acordou-a. Que fanfarra era aquela? Pôs-se à escuta. As rãs do charco clamavam:

– Dai-nos sol! Dai-nos sol!

Curioso, não pediam rei, pediam sol:

– Dai-nos sol! Dai-nos sol!

Os ralos e a cigarra acompanhavam:

–Solzinho! Solzinho! Solzinho!

O grilo arpejava:

– E que rico, rico! Que rico, rico! Rico!

E os sapos lá do fundo do campo em coro trauteavam:

– Sol, sol, sol! Sol, sol, sol, canta rouxinol! Sol, sol, sol!!!

Que tinham aqueles doidos para fazerem tal banzé em vez de aproveitar o tempo para dormir?! O grilo, que lhe ficava mais perto, foi quem mais a intrigou. Muito negrinho, todo entregue à inspiração, lá ia tocando os pratos, que é como quem diz movendo as asas de ébano, com risquinhas de oiro, dum lado para o outro. Que dianho de bicharoco tão patusco e ridículo que não deixava dormir à gente o soninho descansado! E não se contendo mais, gritou-lhe:

– Eh lá, seu casaca! Você não pode calar a caixa? Com tal brequefesta como hei-de eu dormir?!

– Ora a palerma! – retorquiu o grilo, escandalizado. – Não querem lá ver, tem-se na conta de menina e é tão mona. Ah! Sua calaceira, cante, cante connosco a chamar o Sol que se não demore muito detrás dos montes e nos traga alegria e claridade.

– Estou mesmo para isso! Olhe, sabe que mais, outro ofício e deixe dormir quem tem sono.

– Outro ofício!... Essa não é má! Saiba, sua estúpida, que eu nasci para cantar. Tenho-o como um dever. Quando não cantar, rezem-me por alma. E chocando as asas tornou à cantiguinha:

– Sol rico! Rico, rico! Rico...

E, em coro, sapos, ralos, rãs, cigarras, respondiam pela várzea fora:

– Sol, sol, sol! Sol... E embalada pela serenata da noite a aboborinha voltou a adormecer. (...)»

(AN, 1989, pp.11,12,13)